

6 Conclusão

Perguntam-me ainda porque falo tanto da infância. Porque havia de ser? A secura, a aridez desta linguagem, fabrico-a e fabrica-se em parte de materiais vindos de longe: saibro, cal, árvores, musgo. E gente, numa grande solidão de areia. A paisagem da infância que não é nenhum paraíso perdido mas a pobreza, a nudez, a carência de quase tudo.

Desses elementos se sustenta bastante toda a escrita de sou capaz, uma vezes explícitos, muitas outras apenas sugeridos na brevidade dos textos. E disse sem querer uma palavra essencial para mim. Brevidade. Casas construídas com adobos que duram sensivelmente o que dura uma vida humana. Pinhais que os camponeses plantam na infância para derrubar pouco antes de morrer. A própria terra é passageira: dunas modeladas, desfeitas pelo vento. Que literatura poderia nascer daqui que não fosse marcada por esta opressiva brevidade, por este tom precário, demais a mais tão coincidentes com os sentimentos do autor? (Carlos de Oliveira. *O aprendiz de Feiticeiro*. Lisboa: Seara Nova, 1973).

A leitura e análise dos romances *Casa na duna* e *Uma abelha na chuva*, de Carlos de Oliveira, nos permitem observar que esse autor marcou sua literatura não só pela “opressiva brevidade” ou pelo “tom precário” de que ele fala na epígrafe de nossa conclusão. Por ter conhecido e tido convívio no ambiente de pobreza da região da gândara – um dos exemplos de meio rural que os neo-realistas advindos da burguesia das cidades tanto procuraram colocar em destaque em suas obras –, os romances de Oliveira se sobressaíram, pois trouxeram consigo as lembranças da infância do autor.

Essas lembranças da infância se encaixaram numa escrita em constante busca pela liberdade, que ao tentar abrir os olhos do povo para o regime ditatorial que os oprimia e os alienava, permitia ao autor se desopilar da tensão de ter consciência de que não só ele, mas toda uma sociedade estava asfixiada pela atmosfera de opressão que pairava sobre Portugal.

Ao tratar de temas que abrangiam transformações históricas, econômicas e sociais, como em *Casa na duna*, ou que retrataram tipos sociais na sua cotidianidade, como em *Uma abelha na chuva*, Carlos de Oliveira tentava despertar a consciência do leitor. A partir do momento em que se identificava com os problemas enfrentados pelos personagens, ou até mesmo, com as características dos tipos sociais presentes na obra, a escrita de Oliveira havia cumprido o seu papel.

Era essa a sua principal identificação com o Neo-Realismo e com os seus colegas de profissão. Os escritores desse período produziam suas obras para que pudessem esclarecer e alertar o povo dos rumos que o país seguia durante a ditadura, embora muitos se prendessem a um Neo-Realismo mais preso às ideologias do movimento, como podemos ver na afirmativa de Eduardo Lourenço:

Sem dúvida, os autores neo-realistas conservaram sempre a fidelidade ideológica como horizonte da sua criação e assim, de algum modo, voluntariamente, se anteciparam a si mesmos, o que traduzido noutra registo pode confundir-se, ou com mutilação ou com voluntário sacrifício. Todavia, nos mais representativos, este horizonte, cuja presença é inegável mas cuja imobilidade é menos absoluta do que parece, não só coarctou as possibilidades de expressão àqueles que o escolheram, como foi para eles o espaço de libertação e o sinal da autêntica liberdade.

(Lourenço, 1983, 14)

Pela leitura da citação acima, podemos dizer que é também por ser considerado um dos autores do Neo-Realismo que Carlos de Oliveira se diferencia dos demais. Ele não se deixou coarctar nas suas possibilidades de expressão e encontrou dentro do Neo-Realismo o seu “espaço de libertação e o sinal da autêntica liberdade”. Essa observação a princípio nos causaria estranhamento, mas após as análises dos dois romances feitas nesta dissertação, percebemos que sua obra só pôde ser classificada dentro do universo neo-realista porque ela o transcende, pois:

Carlos de Oliveira adverte para o logro de aceitar conceber a experiência própria segundo o modelo proposto por aqueles que excluem da história, marginalizam ou censuram, tudo aquilo que vai contra os seus desígnios de uma história universal e finalizada segundo os seus próprios interesses.

(Lopes, 1996, 13-14).

Em dez anos entre a publicação de *Casa na duna* e *Uma abelha na chuva*, muitas coisas mudaram no panorama político, econômico e social de Portugal, que também levaram a modificações na escrita neo-realista e na escrita de Oliveira. Podemos dizer que as percepções de Carlos de Oliveira do cenário português em mudanças, juntando-se ao fato de ele abarcar essas modificações em sua obra, colaboraram – e muito – para as novas abrangências temáticas no Neo-Realismo.

Desde seu primeiro romance, *Casa na duna*, o autor já se diferenciava dos demais. Nessa obra, ele deu destaque à problemática do homem do campo para além do viés neo-realista que, até o momento, retratara esses habitantes como pobres trabalhadores massacrados por uma sociedade burguesa injusta e desumana. Ele conseguiu juntar essa idéia ao fato de que, no contexto do Estado Novo, não só os menos abastados que sofriam, mas todos os que dependiam da terra para retirar o seu sustento, incluindo a burguesia rural.

Entre *Casa na duna* e *Uma abelha na chuva*, sua escrita continuou a evoluir dentro do Neo-Realismo e a transcende-lo. Nesse último romance ele abriu espaço para a individualidade dos personagens, para seus desejos e frustrações, e mais uma vez se inseriu no contexto neo-realista por retratar o homem do campo e trazer a temática da opressão. Mas também ultrapassou essa temática ao demonstrar que entre as classes mais favorecidas a dominação também foi uma constante.

Privilegiando a região da gândara Carlos de Oliveira teve uma gama de temas e tipos sociais que puderam ser retratados ao longo de sua obra. O autor se mostrou atento não só às memórias de sua infância, mas a todos os acontecimentos de seu país, que compunham os principais elementos de sua obra.

A singularidade desse autor se deu também pela sua constante busca por formas de se expressar na profundidade das palavras e que, ao mesmo tempo, pudessem ser entendidas pelo grande público e não fossem vetadas pela censura. Dessa forma ele conduziu a sua escrita através de metáforas e representações que mimetizaram a realidade que o cercava.

Portanto, a análise proposta por essa por essa dissertação atingiu o seu objetivo por mostrar que as obras singulares que Carlos de Oliveira construiu durante o período ditatorial deram uma nova face à literatura portuguesa e ao Neo-Realismo. Procurou-se demonstrar através dos aparatos teóricos e das ilustrações provindas dos romances *Casa na duna* e *Uma abelha na chuva* que Carlos de Oliveira está na mão e na contramão do Neo-Realismo, pois ao mesmo tempo que partes da sua obra se identificam com o movimento elas também ultrapassam as principais características neo-realistas. Entretanto, essa não é uma visão única e inquestionável da obra de Oliveira, pois a profundidade dos seus romances abre uma gama de possibilidades para estudos que busquem novos questionamentos.